

Revista de
Sociologia
e Política

Revista de Sociologia e Política
ISSN: 0104-4478
EditoriaRSP@ufpr.br
Universidade Federal do Paraná
Brasil

Codato, Adriano; Bodê de Moraes, Pedro
Apresentação: Pierre Bourdieu e a profissão de sociólogo, na prática
Revista de Sociologia e Política, núm. 26, junho, 2006, p. 0
Universidade Federal do Paraná
Curitiba, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=23802602>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

DOSSIÊ PIERRE BOURDIEU NO CAMPO

Apresentação:

Pierre Bourdieu e a profissão de sociólogo, na prática.

A Sociologia talvez não merecesse uma hora de esforço se ela tivesse por fim apenas descobrir os cordões que movem os indivíduos que ela observa, se esquecesse que lida com homens e mulheres mesmo quando aqueles homens e mulheres, à maneira de marionetes, jogam um jogo cujas regras ignoram, em suma, se ela não tiver como tarefa restituir a esses homens e mulheres o sentido de suas ações.

Pierre Bourdieu, *O camponês e seu corpo*.

O dossiê *Pierre Bourdieu no campo* não constitui mais um apanhado geral da obra de Pierre Bourdieu à maneira das coletâneas didáticas. Nem foi pensado como um manual de conduta social para a investigação sociológica. Ele na verdade tem um alcance maior, pois permite acompanhar tanto a *etnografia*, quanto o *sentido da etnografia* como meio privilegiado para compreender a obra do sociólogo francês: a “prática” etnográfica e a reflexão sobre o significado dessa “prática”, por assim dizer. Por essa razão, como observa Loïc Wacquant em seu artigo de abertura, os textos que o leitor poderá ler neste número da *Revista de Sociologia e Política* contribuem para revelar as raízes das preocupações teóricas (e afetivas) do autor de *Esquisse d'une théorie de la pratique* e, conseqüentemente, para desfazer a caricatura de “teórico da reprodução” que se criou em torno dele.

Ocupando uma posição de destaque em sua sociologia, a etnografia do norte da Argélia e do sudoeste da França funcionou, para Bourdieu, como uma espécie de antídoto à “teoria teórica” e aos raciocínios filosofantes de certo tipo de Ciência Social. Essa empreitada na Cabília e no Béarn foi uma das vias (ou a principal delas) para renegar a disposição escolástica sem, contudo, relegar a etnografia “ao ato de contar histórias”, nem simplesmente esquecer a teoria social para subs-

tituir a antropologia por um tipo de literatura diletante e descompromissada ou pela “poesia” anticientífica.

O tema comum dos cinco artigos é a crise da sociedade “tradicional”. O drama dos camponeses de carne e osso da Argélia e do Béarn tem uma dimensão que é principalmente política e econômica (no primeiro caso) e simbólica e social (no segundo caso). Contudo, como o estudo dos cabilas ilumina o caso dos franceses, e vice-versa, essa antropologia cruzada acaba fundindo as quatro dimensões, eliminando as hierarquias explicativas e contestando, através da observação direta, os *partis-pris* funcionalistas, estruturalistas e marxistas. Sob nova óptica, construída *no e pelo* trabalho de campo, a desagregação imposta dos modos de vida tradicionais – seja através do celibato obrigatório, seja através das remoções à força das populações – é a fonte de uma crise de identidade pessoal e coletiva, onde a condição camponesa passa a ser um sacrifício auto-imposto ou aceito ora com resignação, ora com desespero.

O primeiro artigo, intitulado “O camponês e a fotografia”, de Pierre Bourdieu e Marie-Claire Bourdieu, surgiu de um estudo que se propôs a analisar os usos sociais e o sentido das fotografias e da prática fotográfica na sociedade camponesa do Béarn, no início dos anos 1960. O objeto é particularmente pertinente, pois a prática foto-

gráfica na comunidade em questão não tinha um sentido estético, cumprindo antes a função de registrar cerimônias em que os participantes/praticantes produziam a imagem estetizada que pretendiam apresentar de si próprios. É usual afirmar que as fotografias populares são de mau gosto, toscas, banais etc. Justamente, partindo daí, dessa avaliação que Bourdieu classificou como “racismo de classe”, ele se põe a analisar porque elas são assim: “feias”. Ou antes: o que essa estética peculiar revela de peculiar? Desse modo, as fotografias transformam-se em fontes essenciais para a análise sociológica, pois são uma espécie de “sociograma leigo” que permite descobrir, através dos registros visuais, relações sociais e papéis sociais.

Em seguida, em “A dominação colonial e o saber cultural”, um dos artigos mais dramáticos e tocantes deste dossiê, Bourdieu e Abdelmalek Sayad descrevem a estratégia dos militares franceses para minar o apoio popular à guerra de libertação nacional da Argélia e as suas consequências sociais/culturais. Disciplinando e reorganizando o espaço do país, os militares franceses completaram o processo de ‘descamponeização’ da população camponesa, gerando um sujeito social antinômico que trazia consigo as tradições ancestrais de um mundo rural em vias de desaparecer e que, por isso, não havia ainda incorporado o *ethos* adequado às formas econômicas impostas pela sociedade dominante e pela expansão do modo de produção capitalista. O subproduto desse desencaixe é a adesão desiludida a um *tradicionalismo do desespero*, que reproduz e amplifica o desencaixe anterior. Este artigo é, possivelmente, uma das mais eficientes críticas – empírica e teórica – às teorias da modernização.

“Diálogo sobre a poesia oral na Cabila” e “A odisséia da reapropriação” são textos complementares. No primeiro, Pierre Bourdieu conversa com o etnólogo argelino Mouloud Mammeri sobre os fundamentos sociais, os usos e o significado da poesia oral na sociedade cabila. Assim como o sábio (*sophos*) nos textos de Homero, o poeta berbere, expressão viva da excelência da sua cultura, confere à linguagem uma forma tecnicamente elaborada e um conteúdo profundo, de modo a transmitir um saber prático, ligado à vida, aos costumes e à própria reinvenção da tradição. Ao tratar da capacidade do poeta berbere de particularizar o universal e de universalizar o particular, o

diálogo entre Bourdieu e Mammeri aborda o papel da etnologia na autoconsciência de uma sociedade colonizada. O segundo artigo, “A odisséia da reapropriação”, analisa a “peregrinação” do mesmo Mammeri, escritor e antropólogo argelino, que se inicia por meio do afastamento de sua cultura de origem em direção à cultura universal universitária, e termina com o retorno àquela mesma cultura por meio da investigação etnológica e das suas pesquisas sobre os antigos poetas cabilas. Segundo Bourdieu, o fim desse percurso permite evidenciar uma importante modalidade de dominação simbólica, que é a “vergonha de si”, e, tão importante quanto, sua superação.

Por fim, o “O camponês e o seu corpo” é parte de um estudo realizado por Pierre Bourdieu no início dos anos sessenta, em Lasseube, cidade em que viveu durante sua infância, na região do Béarn, no sudoeste da França. O autor analisa o modo pelo qual certas condições econômicas, sociais e psicológicas determinaram o crescente número de homens solteiros em uma sociedade camponesa baseada na primogenitura. A cena dos bailes e das festas locais revela e resalta o conflito cultural cidade/campo e expõe a introdução – rápida, violenta e destrutiva – de categorias urbanas no mundo rural e a consequente desvalorização social dos jovens camponeses. Diante da nova situação, ao mesmo tempo objetiva e simbólica, os camponeses terminam por acentuar, na própria linguagem corporal, as consequências pejorativas do choque de civilizações a que se submetem. Pelas dificuldades da manutenção da linhagem, o celibato é percebido como indicio da crise mortal dessa sociedade. A propósito, se prestarmos mais atenção, Bourdieu denuncia, no próprio desenho dessa pesquisa, a monomania metodológica que assola os diversos ramos disciplinares das ciências sociais. Lançando mão de diversas abordagens, como a história (para horror dos economistas), a estatística (para horror dos antropólogos) e a etnografia (para horror dos cientistas políticos), faz ver que os métodos estão sempre a serviço do objeto de pesquisa, e não o contrário.

Antropologia ou sociologia? Sociologia rural? Sociologia da arte? Geopolítica? Política externa? Estudos pós-coloniais? Essas etnografias apagam as divisões disciplinares, mas sem estimular “a obsessão de pensar em tudo, de todas as formas e sob todos os ângulos ao mesmo tempo”. Contrariando o pretenso imperialismo da sua so-

ciologia, as pesquisas empíricas que o leitor lerá demonstram, a partir de sua documentação, porque se deve “renunciar à ambição impossível [...] de dizer tudo sobre tudo e de forma ordenada (BOURDIEU; CHAMBOREDON & PASSERON, 1999, p. 20 e 21, respectivamente).

* * *

Incluimos neste número, vinte e seis fotografias tiradas por Bourdieu durante as duas pesquisas de campo. São instantâneos da Argélia, em sua maioria, e algumas poucas imagens de Lasseube, sua vila natal. Elas não têm aqui um emprego meramente ilustrativo. São, antes de tudo, um registro *in actus* de duas sociedades em vias de desaparecer, no instante mesmo em que duas realidades dissonantes se encontram, se chocam e se misturam. São também o registro racional (“objetivante”) e afetivo da experiência do trabalho de campo. Racional porque as fotografias funcionaram como um meio de “potencializar meu olhar”, na expressão de Bourdieu, para compreender e explicar esse choque de civilizações. E emotivo, o próprio Bourdieu lembrou, porque foram a forma de dizer: – “Eu me interesso por vocês, eu estou ao lado de vocês, eu escuto suas histórias, eu serei a testemunha do que vocês irão viver” (BOURDIEU, 2003, p. 23 e 28, respectivamente).

Há ainda, enfim, uma resenha crítica, por Bruna Gisi, do mais recente trabalho de Bourdieu editado no Brasil, *Esboço de auto-análise*.

* * *

Os artigos deste n. 26 foram publicados juntos num dossiê editado pela revista britânica *Ethnography*. O ensaio de L. Wacquant, **Seguindo Pierre Bourdieu no campo**, apareceu em inglês em *Ethnography*, London, v. 5, n. 4, p. 387-414, Dec. 2004. **O camponês e a fotografia** (Le paysan et la photographie), de Pierre Bourdieu e Marie-Claire Bourdieu, foi publicado pela primeira vez em 1965 na *Revue française de sociologie*, Paris, v. 6, n. 2, p. 164-174, avr.-juin. E depois no mesmo número de *Ethnography* referido acima (p. 601-616). **A dominação colonial e o sabir cultural**, de Pierre Bourdieu e Abdelmalek Sayad, tinha originalmente o título *Paysans déracinés, bouleversements et changements culturels en Algérie* [Camponeses desenraizados, transforma-

ções e mudanças culturais na Argélia], e foi publicado em *Études rurales*, v. 12, n. 1, jan.-mars, 1964, p. 59-94 e também como *Colonial rule and cultural sabir* na revista *Ethnography*, v. 5, n. 4, p. 445-486, Dec. 2004. Adotamos o telegráfico título em inglês. **Diálogo sobre a poesia oral na Cabília. Entrevista de Mouloud Mammeri a Pierre Bourdieu** (no original: *Dialogue sur la poésie orale en Kabylie. Entretien avec Mouloud Mammeri*) saiu em 1978 na revista do Centre de Sociologie Européenne, *Actes de la recherche en sciences sociales*, n. 23, set., p. 51-66, 1978. *Ethnography* republicou o texto no mesmo número de 2004 (cf. p. 511-551). Utilizamos as notas explicativas da edição em inglês, por Richard Nice e Loïc Wacquant, para a presente edição em português. **O camponês e seu corpo**, de Pierre Bourdieu, foi originalmente publicado sob o título *Célibat et condition paysanne* [Celibato e condição camponesa] em *Études rurales*, Paris, v. 5, n. 6, p. 32-136, avr. 1962. Posteriormente o artigo foi republicado como o capítulo 4 (Le paysan et son corps) de Pierre Bourdieu, *Le bal des célibataires. La crise de la société paysanne en Béarn*. Paris: Points/Seuil, 2002, p. 110-129. **A odisséia da reapropriação: a obra de Mouloud Mammeri** reproduz uma conferência de Pierre Bourdieu sobre a obra do escritor e antropólogo argelino Mouloud Mammeri. O texto de Bourdieu foi lido *in absentia* no colóquio realizado em Argel sobre “A dimensão magrebina da obra de Mouloud Mammeri”. *L’odyssée de la réappropriation* foi impresso primeiramente em Argel na revista semanal *Le Pays* (27.juin-3.juil.) em 1992. Depois foi reeditado em *Awal. Revue d’études berbères*, Paris, n. 18, p. 5-6. As notas da edição da *Revista de Sociologia e Política* foram extraídas da tradução de L. Wacquant, publicada na revista *Ethnography*, v. 5, n. 4, p. 617-621, Dec. 2004.

Havia no dossiê organizado por *Ethnography* um outro ensaio de Bourdieu, “A chegada na Argélia”. Em 2005 o texto teve uma edição em português. Ele pode ser lido, juntamente com os demais deste volume, em: Pierre Bourdieu, *Esboço de auto-análise*. Tradução: Sergio Miceli. São Paulo: Companhia das Letras, p. 68-93.

Adriano Codato
Pedro Bodê de Moraes
Editores do Dossiê

APRESENTAÇÃO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, P. 2003. *Images d'Algérie*. Une affinité élective. Ouvrage conçu par Franz Schultheis et Christine Frisinghelli. Paris : Actes Sud/Camera Austria/Fondation Liber.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J.-C. & PASSERON, J.-C. 1999. *A profissão de sociólogo*. Preliminares epistemológicas. Petrópolis : Vozes.